

Boletim

Nº 1.933 - Ano 42 - 21 de março de 2016

Intervenção sobre foto da pesquisa

VIOLÊNCIA E SONHOS

Pesquisa do NUH revela obstáculos enfrentados por travestis e transexuais femininas que exercem trabalho sexual e suas estratégias de resistência

Página 5

Práticas de calçar dos
caçadores da Antártica

Página 4

Transexual em avenida
de Belo Horizonte

INTERCÂMBIO em MUSEOLOGIA

Gabrielle Francinne Tanus*

O crescimento da Museologia no país está relacionado com os esforços de professores e pesquisadores na construção e ampliação dos cursos de graduação e com as ações do Plano Nacional de Museus (PNM) e do Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Os investimentos do Governo Federal na área museológica, na última década, por meio das ações do Ministério da Cultura (MinC), tiveram reflexos na criação de novos museus e instituições que cuidam do patrimônio e da memória, o que gerou a necessidade de profissionais com formação em Museologia – os museólogos.

Ainda como parte integrante dessa política cultural, houve a criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), autarquia federal responsável pelo setor museológico e pelos museus federais. Nesse cenário, acreditamos que as ações em prol do crescimento e do fortalecimento das instituições museais despertaram também nas instituições de ensino superior o reconhecimento da importância de formar profissionais bem preparados para trabalhar nesses espaços.

É preciso, pois, divulgar a oferta dos cursos de Museologia no Brasil e algumas possibilidades de estudo no exterior, a fim de incentivar alunos e egressos a buscarem intercâmbio dentro do próprio país e em outros. Atualmente, são 17 cursos em funcionamento, distribuídos nas cinco regiões brasileiras: quatro cursos na Região Nordeste (UFRB, UFPE, UFBA e UFS); quatro na Região Sul (UFRGS, UFSC, UFPel e Unibave); seis cursos na Região Sudeste (UFMG, Ufop, Unirio, Unifai, Faeca e Unicastelo); dois na Região Centro-Oeste (UnB e UFG); um curso na Região Norte (UFPA). Além dos cursos de graduação, em sua maioria nas universidades públicas, existem também

os cursos técnicos, de especialização e de pós-graduação em Museologia.

Há oportunidades de formação e aprimoramento para alunos (calouros e veteranos) e para os egressos dos cursos de Museologia, que podem realizar intercâmbios interinstitucionais. A experiência do intercâmbio possibilita outras vivências, troca de conhecimentos e proximidade com outras práticas museológicas, tão importantes para o fortalecimento do campo, além de do contato dos alunos com outras rotinas, outras realidades.

Para os interessados no intercâmbio internacional, existem possibilidades na Alemanha (Johannes Gutenberg-Universität Mainz; Ruhr Universität Bochum); na Argentina (Universidad Nacional de La Plata); na Austrália (University of Sydney; University of

O intercâmbio possibilita proximidade com outras práticas museológicas e contato com outras rotinas

Canberra); no Canadá (Université du Québec; Université Laval); na Croácia (University of Zagreb); na Espanha (Universidad de Sevilla; Universidad de Jaén); nos Estados Unidos (Baylor University; University of Texas at Austin); na Finlândia (University of Applied Sciences); na França (Université Blaise Pascal; Université de Grenoble); na Holanda (Vrije Universiteit Amsterdam; Reinwardt academy); na Índia (University of Calcutta; Aligarh Muslim University; Jiwaji University); na Inglaterra (University Of Leeds; University of Manchester; University of Central Lancashire; University of Brighton); em Israel (Bezalel Academy of Arts and Design); na Itália (Università Degli Studi di Bologna; Università

Degli Studi di Siena); no México (Escuela Nacional de Conservación, restauración y museografía); na Nova Zelândia (University of Massey); em Portugal (Universidade do Algarve; Universidade do Porto; Universidade de Évora), entre muitos outros países.

O curso de Museologia, como é chamado em nosso país, recebe, em outros lugares, denominações como Museum Studies, no caso dos Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia. Na Europa, a formação do museólogo ocorre, sobretudo, em escolas de Artes, de História e em programas de Estudos Culturais. A Universidade do Porto, em Portugal, particularmente, oferta o mestrado e o doutorado em Museologia.

As universidades citadas representam apenas parcela de uma centena de possibilidades de intercâmbio, pois existem outros programas de graduação ou pós-graduação destinados a estudantes de Museologia, dada a natureza interdisciplinar das instituições museais e do campo do conhecimento. É importante ressaltar que o interessado em realizar intercâmbios deve estar atento ao grau do curso de Museologia oferecido no país de destino, porque, diferentemente do Brasil, em outros países é comum a oferta desse curso no nível da pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado).

Vale a pena também conferir no Setor de Intercâmbios da Diretoria de Relações Internacionais da UFMG a existência de convênios vigentes entre a UFMG e a instituição desejada, o que facilita esse trânsito.

Os museus e seus visitantes agradeceriam. Programem-se, e boa viagem!

*Doutoranda em Ciência da Informação e bibliotecária da Escola de Ciência da Informação (ECI) da UFMG

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou cópias ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

30 HORAS em PROJETO-PILOTO

A reitoria reuniu-se, no último dia 15, com as unidades selecionadas para a implantação do projeto-piloto da jornada de 30 horas semanais para servidores técnico-administrativos em educação, em caráter excepcional.

Foram convidadas para integrar o projeto-piloto as escolas de Enfermagem e de Engenharia, as faculdades de Educação e de Letras, os institutos de Geociências, de Ciências Biológicas, de Ciências Exatas e de Ciências Agrárias, este último em Montes Claros, e a Biblioteca Central. O reitor Jaime Ramírez, a vice-reitora, Sandra Goulart Almeida, e a pró-reitora de Recursos Humanos, Maria José Grillo, reuniram-se com os diretores. O reitor Jaime Ramírez apresentou a proposta ao Conselho Universitário também no dia 15.

De acordo com Ramírez, as unidades escolhidas para participar da iniciativa representam a diversidade da Universidade. “Elas são de diversas áreas do conhecimento e diferentes localidades e ofertam cursos no período noturno, como define a Resolução Complementar nº 03/2015, de 15 de dezembro de 2015.”

Agora, os diretores, com as suas respectivas comunidades acadêmicas, vão elaborar propostas de implantação, que deverão ser submetidas à Congregação de cada unidade ou estrutura equivalente e depois à reitoria. “A Pró-reitoria de Recursos Humanos dará suporte para os encaminhamentos que forem necessários”, informa a pró-reitora Maria José Grillo. A expectativa é que a jornada especial nessas unidades passe a vigorar até o início do segundo semestre letivo deste ano.

Necessidades institucionais

A Resolução Complementar nº 03/2015, do Conselho Universitário, recomenda ao reitor da UFMG que autorize a adoção da jornada especial de trabalho – 30 horas semanais e seis horas diárias – para servidores técnico-administrativos em educação somente quando



Reitor e vice-reitora conversaram com diretores das unidades

os serviços exigirem atividades contínuas em regime de turnos ou escalas, em período igual ou superior a 12 horas ininterruptas, em virtude de atendimento ao público ou trabalho no período noturno.

De acordo com o documento, a jornada especial deve ser entendida como “exceção ao regime regular de 40 horas semanais e oito horas diárias e como uma resposta a necessidades institucionais”.

A decisão toma como base dispositivos legais que regem a matéria, estabelecendo as condições de implantação, em regime de exceção, da jornada de trabalho de 30 horas semanais e seis horas diárias.

A Resolução também considerou “as modificações significativas no perfil das unidades acadêmicas, especiais e administrativas da UFMG, com ampliação da oferta de cursos e atividades didáticas e administrativas no turno noturno, gerando a necessidade de serviços contínuos”. O documento pode ser visto, na íntegra, no endereço www.ufmg.br/boletim/bol1925/3.shtml.

Flávio Carsalade é o novo diretor da Editora UFMG

O professor Flávio de Lemos Carsalade, da Escola de Arquitetura, é o novo diretor da Editora UFMG. Ele substituiu o professor Wander Melo Miranda, da Faculdade de Letras.

Mais antigo integrante do Conselho Editorial, Carsalade assume com o objetivo de consolidar a posição alcançada pela Editora UFMG, que, segundo ele, tornou-se a mais importante editora universitária do país. O novo diretor afirma que pretende estimular o debate, no Conselho, de iniciativas destinadas a “integrar ainda mais a Editora com a comunidade universitária e atualizar a política editorial”.

Com graduação e mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG e doutorado pela Universidade Federal da Bahia, Flávio Carsalade foi presidente do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais e do Instituto de Arquitetos do Brasil no estado e secretário de Administração Urbana Regional Pampulha da Prefeitura de Belo Horizonte. Foi diretor e vice-diretor da Escola de Arquitetura.

A Editora

Criada em 1985, a Editora UFMG atua em perspectiva contemporânea e multidisciplinar. Seu catálogo espelha o crescimento dos programas de pós-graduação e de pesquisa na Universidade. A proposta da Editora é fomentar o trânsito entre a produção interna, a produção nacional e a produção internacional, com a publicação de autores de ponta do pensamento contemporâneo, muitos deles traduzidos pela primeira vez no país.

O trabalho editorial é marcado por inovação na linguagem e na escolha de temas e pela preocupação em romper o conservadorismo disciplinar e a hierarquia entre os diversos discursos que compõem o campo acadêmico. Ao contemplar textos referentes aos esforços vinculados aos acervos e coleções da Universidade, a Editora tem contribuído para a preservação e a divulgação da memória nacional. Há cerca de dois anos, alcançou a marca de mil títulos publicados e iniciou, em 2014, a edição de e-books.



Carsalade: consolidar posição

PEGADAS no GELO

Investigação sobre práticas de calçar dos lobeiros-baleeiros que estiveram na Antártica marítima no século 19 aprofunda a compreensão de suas corporalidades

Matheus Espíndola

A história dos fluxos humanos para a Antártica, desde o século 18, é contada pelos atores que exploraram o continente motivados por pretensões políticas e de exploração de recursos naturais. Mas existem grupos que foram negligenciados pela história oficial nessa trajetória de conquista territorial. Entre eles, o dos caçadores de mamíferos marinhos, objeto de investigação que resultou na tese *Os sapatos dos lobeiros-baleeiros: práticas de calçar do século XIX nas ilhas Shetland do Sul (Antártica)*, defendida em 2015 por Gerusa de Alckmim Radicchi, no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Fafich.

“A pesquisa se justifica pelo esforço de reconhecimento desses atores considerados pela história oficial como menores”, comenta a autora. Foram abordados três grupos de materialidades relacionadas ao calçar (o corpo, o calçado e a Antártica na condição de espaço vivenciado), em diálogo com as influências sócio-históricas e culturais. “Partindo das premissas teórico-metodológicas já levantadas para o tema das corporalidades, abordei outras questões relacionadas ao estudo dos vestígios de calçados e analisei parte do acervo coletado na Antártica”, relata Gerusa Radicchi.

A análise se deu nas escalas contextual (histórica) e específica (centrada no caso dos lobeiros-baleeiros). A produção dos calçados foi tema do primeiro capítulo, enquanto seu uso foi abordado no segundo. Para a autora, relacionar essas instâncias do pensamento é necessário para contextualizar os grupos de trabalhadores conforme o sistema de crenças, valores e representações peculiares de uma época ou grupo. “Uma vez que o corpo é a primeira instância de interação e apropriação do mundo, as corporalidades têm maior importância nos estudos sobre as identidades dos que chegaram à Antártica”, diz Gerusa.

Uso intenso e reparos

A pesquisa seguiu o enfoque crítico proposto pelo projeto *Paisagens em branco: arqueologia histórica antártica* – do qual fazem parte acadêmicos da UFMG –, que se encarrega de mapear e escavar sítios arqueológicos concentrados principalmente nas Ilhas Shetland do Sul, na Antártica.

Como apurado durante a pesquisa, a experiência dos caçadores no continente, ao longo de um ou mais anos de viagem, implicou uma série de transformações importantes em suas corporalidades e suas identidades – e os calçados foram direcionadores neste processo. “Os modelos e a forma de utilização sinalizam produção em massa e consumo padronizado. Eles trazem marcas de intenso uso e reparos. O pequeno tamanho dos calçados pode ser uma evidência da baixa faixa etária dos caçadores”, enumera a autora.

Sobre o contexto da produção de sapatos no século 19, as amostras permitem inferir que os sapatos, de boa qualidade, foram feitos artesanalmente – não há evidências de uso de máquinas de costura e outras tecnologias mais avançadas. A vida no mar ou nos acampamentos era exigente e arriscada, e os lobeiros-baleeiros deveriam adquirir habilidades e alargar os limites da tolerância. Isso envolvia conflitos e adaptação, implicando mudanças até na maneira de vestir”, explica Gerusa. “Os sapatos não eram adequados para umidade excessiva, frio, calor, chuva, maresia etc. São modelos simples e tradicionais, de cano baixo, com amarração frouxa, feitos em couro e com a sola presa ao cabedal por costura. Remendados e reparados, os sapatos foram utilizados até a exaustão na Antártica.”

Grande ‘freezer’

Como ressalta o professor Andrés Zarankin, orientador da dissertação e coordenador do projeto, graças a suas características ambientais, a Antártica funciona como um grande freezer. “O ambiente é capaz de preservar objetos orgânicos que, em outros lugares do mundo, desapareceriam em dez anos.” Ele lembra que a arqueologia é uma ciência democrática porque trabalha com aquilo que todo ser humano é capaz de produzir: objetos, vestígios e lixo. “A história contada nos documentos muitas vezes deixa de fora as pessoas comuns. A maioria dos operários na Antártica não sabia ler nem escrever”, comenta.

O professor acrescenta que são raríssimos os estudos dessa natureza na América Latina, e o trabalho de Gerusa serve como referência metodológica. “Ela oferece informações importantes sobre como trabalhar com esse tipo de artefato e que podem orientar estudos

de outros arqueólogos. Somado a outras linhas de evidências, o trabalho se torna extremamente relevante para destrinchar a vida das pessoas comuns e reescrever a história da Antártica”, diz Zarankin. Outros pesquisas no âmbito do projeto têm como alvo a alimentação dos caçadores e como os operários percebiam o tempo o organizavam seu trabalho na Antártica.

Dissertação: *Os sapatos dos lobeiros-baleeiros: práticas de calçar do século XIX nas ilhas Shetland do Sul (Antártica)*

Autora: Gerusa Alckmim Radicchi

Orientador: Andrés Zarankin

Defesa: 2 de junho de 2015, no Programa de Pós-graduação em Antropologia



Detalhe de sapato do século 18, na preparação em campo para transporte

Acervo Leach

OUTRO olhar para a PISTA*

Pesquisa mapeia a realidade de violência e preconceito enfrentada por travestis e transexuais femininas que exercem trabalho sexual na RMBH

Ewerton Martins Ribeiro

Para quem trafega à noite pela Avenida Afonso Pena, no centro de Belo Horizonte, ou pela Avenida Pedro II, por exemplo, não é novidade que existe um grande número de travestis e transexuais femininas exercendo trabalho sexual na cidade. Em contrapartida, sobre a vida dessas pessoas, pouca gente sabe algo mais: as violências que sofrem, os direitos de que são cotidianamente privadas, os sonhos que têm.

De 2011 a 2015, integrantes do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da UFMG desenvolveram pesquisa multidisciplinar com o objetivo de estabelecer perfil social mais aprofundado das travestis e transexuais femininas que exercem trabalho sexual na capital mineira e em sua região metropolitana. A investigação *Direitos e violência na experiência de travestis e transexuais da cidade de Belo Horizonte: construção de um perfil social em diálogo com a população* foi realizada por alunos de graduação, mestrado e doutorado da UFMG, sob coordenação de Marco Aurélio Máximo Prado, professor do Departamento de Psicologia da Fafich. Ao todo, dez pessoas estiveram envolvidas com a investigação, entre pesquisadores e consultores, além do coordenador.

Foram colhidos dados sobre escolaridade, religião, saúde e família das pesquisadas. Investigaram-se também questões relativas ao trabalho sexual e ao trabalho formal que ora exercem, assim como as transformações que porventura realizam em seus corpos. Foram tratadas, ainda, questões relativas às violências e aos preconceitos que sofrem, ao lazer de que usufruem e às políticas públicas que, existentes ou desejadas, se relacionam com a sua realidade.

“Se moradia, segurança, saúde, educação, trabalho e lazer são direitos inalienáveis de todos e todas as cidadãs brasileiras, o que explicaria a inexistência de políticas públicas para a população travesti e transexual?”, perguntam pesquisadores e pesquisadoras na apresentação do relatório da pesquisa. “Como pensar a situação de exclusão e, mais, de abjeção a que essa comunidade está submetida, sem levar em consideração o vazio legislativo a respeito das questões de travestis e transexuais?”, indagam. “E qual seria o papel da academia, da sociedade e do Estado

no trato dessa questão?”. Essas perguntas direcionaram a investigação realizada.

Os resultados obtidos estão reunidos em um Relatório Descritivo que acaba de se tornar público e que pode ser acessado no site da pesquisa (www.projetotrans.nuhufmg.com.br). O documento revela, por exemplo, que 67,4% das travestis e transexuais entrevistadas se declaram pretas ou pardas e que 91,3% delas não passaram do Ensino Médio. O relatório também informa que 28,1% da amostragem abandonaram a escola em razão do preconceito ou da violência que sofriam naquele ambiente.

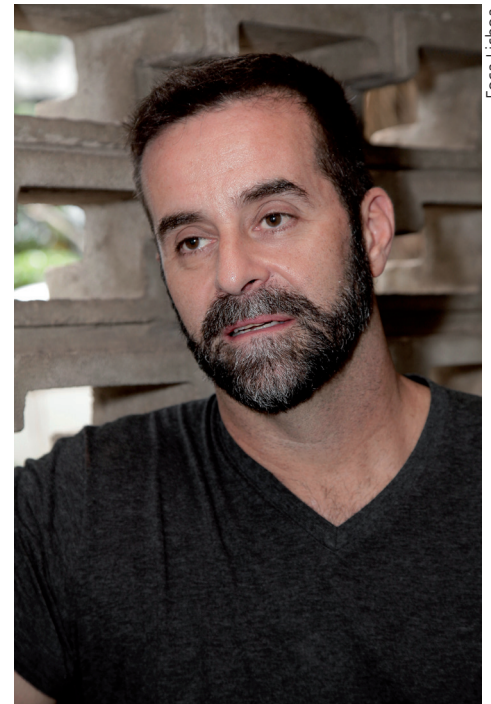
Brenda Luisa Prado, mulher trans entrevistada para a pesquisa, exalta a iniciativa, que ajuda a mostrar a realidade das transexuais e travestis. “Não somos respeitadas em nosso modo de viver, encontramos as portas fechadas no mercado de trabalho e sofremos violência física e psicológica. Ainda há um longo caminho para a transformação dessa realidade”, ela diz.

Proteção ampliada

Durante os quatro anos de trabalho, o envolvimento dos pesquisadores com o tema os levou a estabelecer diálogos e parcerias com as entrevistadas e com o Estado e a sociedade civil, colaborando na ampliação da rede de proteção às travestis e transexuais femininas da capital. A equipe organizou eventos e reuniões para essa comunidade, nos quais foram oferecidos serviços como a impressão de cartões do SUS com o nome social.

Quanto à metodologia, a investigação se organizou em quatro eixos: perfil socioeconômico, trajetória escolar, redes de sociabilidade e acesso a políticas e instituições públicas. As informações foram coletadas por meio de questionários estruturados e de trabalhos de campo de cunho etnográfico, tanto nos locais de trabalho quanto em outros espaços de sociabilidade e moradia dessa população.

A partir daí, a pesquisa conseguiu detalhar a relação de travestis e transexuais com suas famílias, suas crenças religiosas, o destino que dão ao dinheiro conquistado com os programas (a quantidade de pessoas com quem precisam dividir os valores recebidos, por exemplo), a forma como lidam com a própria saúde e os riscos a que estão expostas nas ruas.



Foca Lisboa

Marco Aurélio Prado: compreender como preconceito impõe obstáculos à cidadania

“Desenvolvemos uma série de ações a fim de compreender como a dinâmica do preconceito impõe obstáculos à cidadania e aos direitos humanos dessa população, de forma a preparar intervenções para fortalecer suas ações no âmbito do poder público e ampliar o entendimento sobre a questão da violência contra as experiências trans”, explica Marco Aurélio Prado.

O professor sintetiza as considerações a que o grupo chegou após a investigação. “Com base nos dados obtidos, pudemos observar o contexto de vulnerabilidade em que travestis e transexuais da Região Metropolitana de Belo Horizonte estão inseridas. Também detectamos escassez de políticas públicas que visem à garantia de seus direitos”, afirma. “Ao mesmo tempo, também percebemos, em contrapartida, como as travestis e transexuais se constroem como sujeitos políticos, traçando estratégias de resistência e enfrentamento diante de contextos marginalizados”, completa Marco Aurélio.

** No glossário apresentado ao fim do relatório, os pesquisadores explicam que a expressão “pista” é utilizada pelas travestis e transexuais para se referir às áreas em que encontram clientes.*

DEZ VEZES MAIS*

CTNanotubos ganhará novo forno para síntese de grafeno em escala pré-industrial

Da Redação**

Primeiro centro de pesquisa e desenvolvimento de grafeno e nanotubos de carbono do Brasil, o Centro de Tecnologia em Nanotubos de Carbono da UFMG (CTNanotubos) ganhará, no próximo mês, um novo forno de CVD (Chemical Vapor Deposition), equipamento que ampliará sua capacidade de produção de grafeno em dez vezes. O forno de CVD propicia o “crescimento” de grafeno (com a formação de uma película/filme) em camadas de metal e é alimentado por um gás com carbono – o metano, por exemplo.

A professora Glaura Goulart Silva, coordenadora executiva do CTNanotubos, explica que o grafeno obtido por meio do forno de CVD pode ser aplicado em sensores de gás, células solares e displays (smartphones, TVs, computadores). Segundo ela, o CTNanotubos já possui fornos CVD que sintetizam nanotubos de carbono em escala piloto, e o novo forno possibilitará a produção de grafeno com melhor qualidade estrutural.

A síntese de nanotubos de carbono é realizada por um grupo de pesquisadores, técnicos e estudantes do Departamento de Física da UFMG, coordenado pelo professor Luiz Orlando Ladeira. Oriundo da Escola de Engenharia e coordenado pelo professor José Marcio Calixto, do Departamento de Engenharia de Estruturas, o grupo do CTNanotubos é responsável pela síntese em escala piloto de nanotubos de carbono em cimento. “A escala do produto cimento nanoestruturado já está bastante avançada e atesta que os desafios de aumento de escala de nanomateriais de carbono, no CTNanotubos, já têm sido enfrentados com sucesso há mais de três anos”, observa Glaura Goulart, explicando que a escala de produção do grafeno passará a ser pré-industrial.

Adquirido com recursos de R\$ 800 mil de edital lançado em 2013 pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) para parques tecnológicos, o equipamento é composto de um forno principal e módulos de controle de vácuo, de entrada e pressão de gases e de temperatura. De acordo com o professor André Ferlauto, do Departamento de Física, o reator para produção de grafeno é baseado em um forno tubular com três zonas e 10 centímetros de diâmetro interno, com tubo de quartzo e aquecimento que alcança 1.400 graus Celsius. “Ele possibilita o controle de fluxo de gases

e pressão e possui acessórios, como plasma indutivo, capaz de fazer dopagem, por exemplo, e trilho para resfriamento rápido”, comenta o professor.

“Neste projeto Finep, a coordenação do Parque Tecnológico de Belo Horizonte (BH-Tec) incluiu recursos para pesquisa do CTNanotubos e do CTVacinas”, destaca Glaura Goulart. Com a parcela destinada pelo edital ao CTNanotubos, também serão adquiridos equipamentos para aumento de escala de compósitos de epóxi, que serão aplicados em pás eólicas, e para os trabalhos de monitoramento do ambiente e os de pesquisa em nanotoxicologia, tema desenvolvido no Centro sob a coordenação do professor Ary Correa, do Instituto de Ciências Biológicas (ICB). “O projeto Finep é uma contribuição importante para complementar o trabalho altamente interdisciplinar destinado ao desenvolvimento de produtos das equipes do CTNanotubos”, enfatiza a professora.

O Centro

O CTNanotubos nasceu de projeto da UFMG, com apoio do BH-TEC, da Fapemig e do Governo de Minas, e foi aprovado pelo Fundo Tecnológico (Funtec) do BNDES. Com parceria da Petrobras e da empresa InterCement, reúne grupos de pesquisa liderados por dez docentes da Universidade. O projeto é coordenado por Marcos Pimenta, professor do Departamento de Física e líder da área de nanomateriais de carbono no Brasil, reconhecido internacionalmente por suas contribuições em espectroscopia Raman desses materiais.

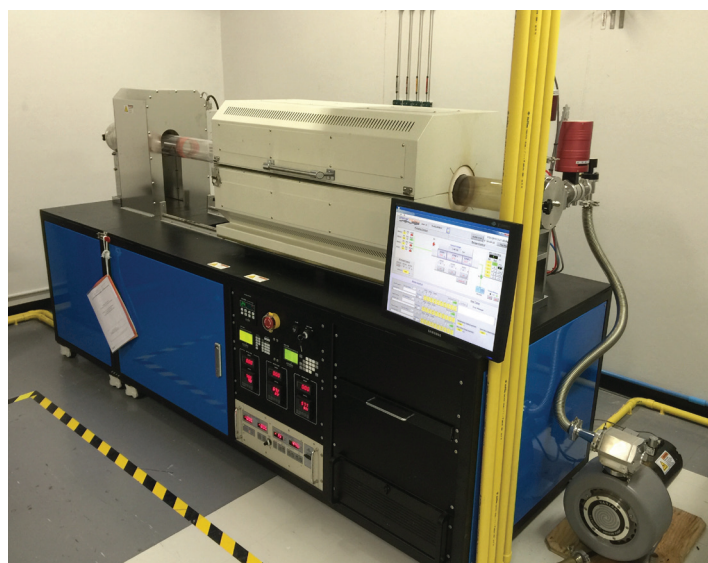
Concebido em 2009 como desdobramento de projetos realizados pela UFMG e Petrobras, o CTNanotubos iniciou operação em 2013, em espaço de 454 metros quadrados, cedido pelo BH-TEC à UFMG, com financiamento da Petrobras, no valor de R\$ 3 milhões. A futura sede do Centro, que também será erguida no BH-TEC, terá cerca de três mil metros de área construída, galpão de produção de cimento nanoestruturado e quatro pavimentos de área técnica. “Estar no Parque é estratégia de aproximação com o ambiente empresarial e com os problemas tecnológicos concretos, fazendo a ponte universidade-empresa na área de materiais avançados”, ressalta Glaura Goulart.

O Centro conta com 64 colaboradores, entre celetistas, pós-doutorandos e estudantes em todos os níveis. Mais de 200 pesquisadores já foram formados pelo INCT de Nanomateriais de Carbono, de onde se origina o CTNanotubos, com apresentação de cerca de 170 trabalhos sobre nanotubos e grafeno. Em sete frentes – síntese de nanomateriais, materiais poliméricos, materiais cimentícios, saúde, segurança e meio ambiente, caracterização e metrologia e projetos sob demanda –, o Centro desenvolve estudos focalizados na incorporação de nanotubos de carbono e grafeno em materiais tradicionais, visando aprimorar propriedades como resistência térmica e mecânica, condutividade térmica e elétrica.

As atividades do CTNanotubos (pesquisa, desenvolvimento e inovação) têm aplicações em áreas como energia convencional e alternativa, automotiva, aeroespacial, agronegócio, construção civil, indústria química, metal-mecânica, meio ambiente e esporte.

*(Versão ampliada de matéria publicada no Portal UFMG em 16 de março)

** (Com Assessoria de Imprensa da UFMG)



Forno quase idêntico ao que foi adquirido pela UFMG: melhor qualidade estrutural

MUITAS CULTURAS NOS CAMPIS

Estão abertas, até 31 de março, as inscrições para o edital que selecionará propostas de artistas e grupos interessados em participar do programa *Muitas culturas nos campi*. Iniciativa da Diretoria de Ação Cultural (DAC), o programa será realizado de junho deste ano a junho de 2017, em Belo Horizonte, Montes Claros e Tiradentes.

As propostas podem ser inscritas em duas categorias: *Jovens talentos*, destinada à comunidade universitária de instituições públicas de ensino superior, e *Percursos*, para grupos da comunidade geral.

O objetivo do programa é estruturar agenda de apresentações artísticas nas áreas de música, dança, performance (incluindo as literárias), teatro e circo, em Belo Horizonte (campi Pampulha e Saúde, Conservatório e Centro Cultural UFMG), Tiradentes (campus cultural) e no campus regional de Montes Claros. Os editais e as fichas de inscrição estão disponíveis no site da DAC: www.cultura.ufmg.br.

APOIO A EVENTOS

Professores e servidores técnico-administrativos podem inscrever propostas, até as 17h do dia 11 de abril, para a primeira entrada de 2016 do edital do Programa de Apoio Integrado a Eventos (Paie). Os eventos inscritos devem despertar interesse técnico, científico, esportivo ou artístico.

O Paie oferece apoio à realização de eventos acadêmicos para as diferentes áreas do conhecimento com recursos das pró-reitorias de Graduação, Extensão, Pesquisa e Pós-graduação. Neste ano, a submissão de propostas será feita exclusivamente pelo Sistema de Fomento de Bolsas de Extensão. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-3215.

Erramos

LIVRO DE BORIS GROYS

A matéria *Abordagem insólita*, publicada na edição 1.931, de 7 de março deste ano, informa que o livro *Arte poder*, de Boris Groys, recém-lançado pela Editora UFMG, é o primeiro desse autor traduzido no Brasil. Na verdade, há, pelo menos, uma outra obra de Groys publicada no país: *Introdução à antifilosofia* (Edipro), com tradução de Constantino Luz de Medeiros, professor da Faculdade de Letras da UFMG.



Painel *Geração Coca-Cola*, de Gud

GRAFITE

As paredes do prédio da Fafich, no campus Pampulha, estão sendo ocupadas por 12 grafiteiros de Belo Horizonte que produzem obras com o tema *Humanidades e condição humana*. As criações tratam de questões contemporâneas como o consumismo, a própria cidade e as vivências dos artistas. Os grafites, selecionados por meio de edital, fazem parte da reforma da Fafich, iniciada em 2015, que inclui a revitalização de banheiros e auditórios. Quanto à abertura desse espaço, o diretor da unidade em exercício, professor Carlo Gabriel Pancera, comenta que “o concurso de grafite serve para sinalizar disposição da comunidade acadêmica de dialogar com ambiente de que ela faz parte”.

SAÚDE MENTAL

Cerca de 40 membros da comunidade acadêmica reuniram-se no último dia 14 para discutir as diretrizes da 4ª Semana de Saúde Mental da UFMG, que será realizada de 16 a 20 de maio. O encontro, na sala de sessões da Reitoria, foi conduzido pela presidente da Comissão de Saúde Mental da UFMG, Maria Stella Brandão Goulart, e por Claudia Mayorga, pró-reitora adjunta de Extensão.

“Nosso objetivo é delinear os processos por meio dos quais vamos estabelecer as diretrizes e atividades da Semana”, explicou Stella Goulart. A presidente da comissão informou que, no último dia da Semana, 20 de maio, será realizado fórum para a formalização de uma política institucional de saúde mental no âmbito da UFMG. Para que a comunidade acadêmica possa participar ativamente da construção dessa política, foi criado o endereço saudemental@ufmg.br, por meio do qual podem ser enviadas sugestões à comissão.

SEMINÁRIO DE DIAMANTINA

Até 15 de abril, pesquisadores de todo o país podem submeter trabalhos à comissão organizadora do 17º Seminário sobre a Economia Mineira, que será realizado de 29 de agosto a 3 de setembro, na cidade de Diamantina (MG). Cada trabalho deve ser submetido exclusivamente por formulário on-line disponível no site www.cedeplar.ufmg.br, do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar).

Organizado pelo Cedeplar a cada dois anos, desde 1982, e tradicionalmente conhecido como Seminário de Diamantina, o evento tinha por objetivo, originalmente, congregar os estudiosos que têm Minas Gerais por objeto de reflexão. Ao longo das últimas edições, o Seminário cresceu e abriu-se a outros temas.

Podem ser inscritos trabalhos nas áreas de história econômica e demografia histórica, economia, demografia e políticas públicas. Serão aceitos textos sobre Minas Gerais ou que abordem temas nacionais ou outros recortes espaciais. Mais informações podem ser obtidas no site do Cedeplar ou pelo e-mail seminarios@cedeplar.ufmg.br.

Ritos FÚNEBRES em NARRATIVAS

Livro de professor da Fafich analisa funerais de presidentes pós-1930 do ponto de vista do imaginário político

Hugo Rafael

Os funerais de presidentes do período republicano, tema pouco revisitado pela historiografia brasileira, são o fio condutor de livro escrito pelo professor Douglas Attila Marcelino, do Departamento de História, que será lançado nesta terça, 22, no Rio de Janeiro, e no dia 2 de abril, em Belo Horizonte.

A obra *O corpo da Nova República* (FGV Editora) é fruto de tese defendida em 2011, no Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ, que recebeu o prêmio Anpuh-Rio de Pesquisa Eulália Maria Lahmeyer Lobo. O trabalho deriva do esforço do autor para incitar a reflexão sobre os funerais de presidentes brasileiros do período pós-1930 e as formas de construção de narrativas sobre esse tipo de evento, o que trouxe à discussão os modos de representação do passado e as disputas pelo imaginário político.

A pesquisa trata principalmente dos funerais de Tancredo Neves, mas aborda também os funerais de presidentes brasileiros do pós-30, começando com Getúlio Vargas. “Considero esses rituais não apenas como momentos de redefinição e disputa pela memória nacional, mas também de ritualização do poder, em que o próprio sentido da comunidade política como construção imaginária foi posto em questão. Esses eventos são momentos importantes para captarmos as próprias reformulações da cultura política republicana”, explica Marcelino.

O livro propõe um estudo dos rituais centrado não apenas nas intenções políticas dos formuladores dos cerimoniais, mas também num diálogo entre a história e campos como a antropologia interpretativa e a filosofia política. Duas preocupações do professor foram a maneira de contar essas histórias e as complexas relações entre eventos e narrativas fundadoras da nacionalidade. “Essa última questão envolveu o modo como eu poderia contar a história de

eventos bastante recentes, como os funerais de Tancredo. É um desafio muito grande o estudo de um fenômeno tão recente. Como causar estranhamento em relação a um passado tão familiar?”.

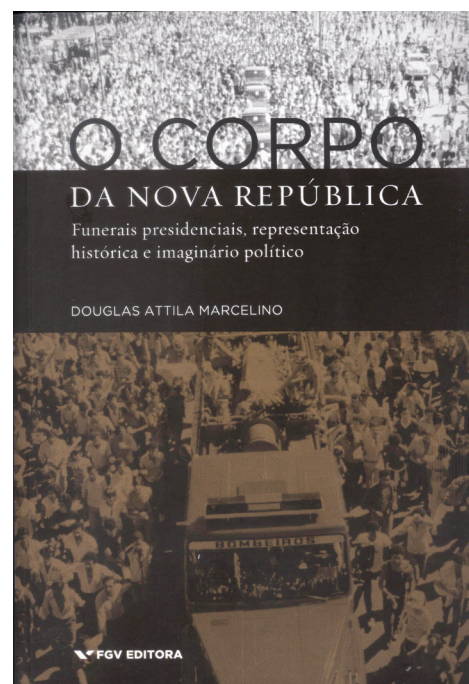
Representante da nação

Douglas Marcelino direcionou o olhar também aos funerais de presidentes como Getúlio Vargas, João Goulart e Juscelino Kubitschek, além de generais-presidentes do período da ditadura militar. “Há uma diferença muito forte entre esses presidentes. Vargas é o primeiro que incorpora mais efetivamente a imagem de representante da nação, que constrói identificação mais intensa com as pessoas, o que se percebe na reação delas em seu funeral. Algo parecido ocorre com Jango e JK. No regime militar, houve despessoalização do poder. Tancredo ocupou esse vazio simbólico criado pela ditadura militar e passou a encarnar de modo mais intenso a imagem de representante da nação”, afirma o autor.

A obra propõe um diálogo com a antropologia de Clifford Geertz. “Com base na noção de descrição densa, que busca os sentidos das ações, olhamos para os rituais para entender aquilo que está em disputa – no caso, uma disputa pelo corpo político da nação como construção simbólica, já que a morte de Tancredo Neves tornou o lugar do poder vazio depois de intensa projeção dos símbolos nacionais sobre sua figura pública. É possível perceber que a disputa não era pelo corpo físico, mas pelo corpo político da nação, o que apareceria nos seus funerais e nas narrativas produzidas sobre eles”, explica Marcelino.

No estudo das diferentes narrativas sobre o evento, o pesquisador analisou uma edição especial do *Jornal Nacional*, um livro produzido por Marlyse Meyer e Maria Lucia Montes em 1985 e folhetos de cordel sobre a morte de Tancredo Neves. “Alguns

analistas da literatura de cordel constataram que a quantidade de folhetos sobre a morte de Tancredo ultrapassava a produção sobre figuras lendárias como Lampião. Talvez só a morte de Getúlio Vargas tenha inspirado tantos folhetos”, afirma. Os elementos contidos nas narrativas desses funerais mostram a construção de uma imagem do povo brasileiro, que se tornaria o personagem central dessas narrativas.



Livro: *O corpo da Nova República: funerais presidenciais, representação histórica e imaginário político*

Autor: Douglas Attila Marcelino

Editora: FGV

486 páginas / R\$ 55 (preço de capa)

Lançamento: dia 22, na Blooks Livraria (Rio), e dia 2 de abril, na Quixote Livraria e Café (BH)